



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADE (IH)
LICENCIATURA PLENA EM SOCIOLOGIA**

MARIA ERICA DA SILVA FREIRE

**O PROJETO UM TESOIRO CHAMADO NORDESTE: A VALORIZAÇÃO DA
CULTURA NORDESTINA E A EXPERIÊNCIA NA VIDA DE QUEM
PARTICIPOU/PARTICIPA.**

ACARAPE – CEARÁ

2022

MARIA ERICA DA SILVA FREIRE

**O PROJETO UM TESOURO CHAMADO NORDESTE: A VALORIZAÇÃO DA
CULTURA NORDESTINA E A EXPERIÊNCIA NA VIDA DE QUEM
PARTICIPOU/PARTICIPA.**

Projeto de pesquisa apresentado ao curso de Licenciatura em Sociologia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Marcos de Sousa Silva

ACARAPE-CE

2022

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----	04
OBJETIVOS -----	07
JUSTIFICATIVA -----	08
A importância da valorização da cultura nordestina -----	08
A relevância acadêmica -----	09
Trabalho voluntário: a relevância pessoal -----	10
REVISÃO DE LITERATURA -----	12
Reflexão acerca da cultura do Nordeste -----	12
Cultura popular, identidade nacional e Estado -----	13
A Universidade e a Extensão -----	15
CAMINHOS METODOLÓGICOS -----	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS -----	20

INTRODUÇÃO

“Um Tesouro Chamado Nordeste” trabalha com a cultura nordestina e com meios educativos, iniciado como um projeto de extensão no ano de 2018 na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), acabou tornando-se um ponto de cultura do Ceará no ano de 2019, pois as ações que ele desenvolve articula atividades culturais em todo maciço de Baturité-CE. Assim contribui para o acesso, a proteção e a promoção dos direitos de cidadania e da diversidade cultural. Cerca de 25 voluntários participam ativamente em oficinas como contação de histórias, xilogravura, criação de fantoches, oficina de mamulengos e outras atividades culturais que envolvem música, dança e teatro, a junção do artístico com o pedagógico. Sou voluntária desde 2019, participo do grupo Baú de Histórias, com o objetivo principal de levar histórias para crianças de ensino público e infantil dentro do nosso maciço. As atividades que são realizadas giram em torno do ensino pedagógico e uma relação de proximidade com as comunidades, uma relação social e de aprendizagem para despertar nas crianças e adolescentes a curiosidade de aprender mais sobre as nossas raízes nordestinas. O baú de histórias também pesquisa por histórias de dentro do povoado, que foram passadas de geração em geração, trazendo consigo uma verdadeira hierarquia histórica sobre a cidade/bairro e os antepassados que ali viveram. Além de tudo isso, o ponto de cultura traz promove palestras, eventos culturais, cursos de formação, por exemplo, teatro e violão. Como um projeto de extensão pela universidade a oportunidade que é levantada aos estudantes brasileiros são as reflexões acerca da arte e da cultura popular e afirmações identitárias que podem ser geradas por meio da cultura, já com os estudantes internacionais o propósito é aproximá-los das manifestações culturais nordestinas.

Cabe ressaltar que este projeto de pesquisa tem como proposta inicial analisar quais impactos o projeto um Tesouro Chamado Nordeste provoca nas experiências de vida de alguns voluntários que participam ou participaram do projeto na condição de voluntários, ou seja, analisar quais foram as mudanças que ele proporcionou na vida de cada um, o porquê de eles terem continuado atuando por mais de um ano neste projeto e quais foram as motivações ou desmotivações vivenciadas ao longo do período como voluntário.

Atualmente percebe-se que pouco se fala sobre a cultura nordestina, a sua valorização, como a poesia popular, o artesanato, a capoeira, o frevo, a culinária e muitas outras manifestações, talvez por esquecimento ou falta de interesse em propagar as raízes do Nordeste com os que são originalmente nordestinos. Este projeto de pesquisa foca também sua analítica na compreensão do papel dos projetos de extensão universitária e a sua importância na vida acadêmica e na comunidade em que estão inseridos, na relação do discente-participante com sua realidade social. No cenário atual em que vivemos a cultura está ativamente em transformação, a vida baseia-se na arte, os indivíduos cheios de informações e assim por diante. É interessante estudar também como a cultura nordestina nasceu, quais são seus ancestrais, o que realmente faz parte da história do Nordeste, como chegamos a este patamar atualizados sobre a nossa própria cultura? Essas são questões norteadoras deste projeto de pesquisa, que, certamente, sustenta o interesse em compreender os processos culturais como fontes primeiras das origens da tradição que o Nordeste traz. Como o tesouro chamado nordeste trabalha com essas questões, a indagação que é criada é, qual o interesse dos voluntários em fazer parte desse grupo, dessa promoção à diversidade cultural nordestina? Se algo mudou em relação a sua entrada no ponto de cultura, ou o porquê de ter saído? Como eles percebem as oportunidades que as extensões universitárias dão para os discentes e juntamente para a comunidade?

O Nordeste é a região com maiores números de estados, são nove no total: Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Assim, estamos rodeados de variados tipos de culturas diferentes, onde abrange todos esses estados que carregam entre si raízes e histórias. Neste trabalho é discorrido sobre essa importância da valorização da nossa cultura, a identidade que nos foi dada, o poder do Estado dentro desse tema e a relevância acadêmica dos projetos de extensão que são ofertados dentro da universidade.

Ao falarmos em identidade cultural compreendemos como um conjunto de elementos e fatores que vamos associar de onde viemos e como somos, e quando falamos nisso estamos raciocinando uma identidade que faz com que o indivíduo se auto reconheça, de onde veio, e ao que pertence. Sabemos que o Brasil é um país que durante sua trajetória histórica recebeu a maior quantidade de escravos, e o conceito de identidade cultural é extremamente importante a ser aplicado, isso ajuda com que determinados grupos étnicos se reafirmem em nossa sociedade. Ao falar em identidade ela engloba a

sua crença, o país ao qual você veio e qual pertence, seus gostos, seus costumes pessoais, sua etnia. O Brasil é um país muito vasto em termos de cultura, um exemplo disso é em relação aos indígenas, porque durante o período de colonização do nosso país, indígenas, europeus e africanos, três grupos extremamente variados, isso gera um reflexo hoje nas nossas culturas, porém a xenofobia prevalece nessas questões. Um preconceito que implica com o modo de falar, por exemplo, o nordestino por sua vez é bastante conhecido pelas suas gírias, o sotaque Nordestino muitas das vezes é atacado, é explicitamente quando por exemplo aos olhos dos indivíduos do Sudeste e Sul. O sotaque é o principal elemento da identidade cultural de um povo, por isso o preconceito regional está fortemente ligado ao preconceito linguístico.

Durante esse projeto de pesquisa também é ressaltada a importância da extensão universitária, os discentes que atuam na universidade têm essa oportunidade de agir dentro da comunidade em que estão inseridos. Um projeto social, que une aluno, universidade e comunidade. É um processo educativo e cultural, que juntamente com a pesquisa se transforma em um trabalho científico que contribui para ambas as partes, de tal maneira que o voluntário/bolsista da extensão universitária ganha conhecimento com a história local, e ele leva consigo um projeto que pode impactar a comunidade, um impacto que ajuda na transformação e participação da população. De modo geral, quem se voluntaria para entrar em um projeto de extensão tem o porquê de ter tido essa escolha. O Tesouro Chamado Nordeste é um dos projetos de extensão entre tantos outros que já passaram ou vão passar pela UNILAB e em todo o maciço de Baturité, que acolheu a cultura nordestina e deu ênfase na importância de recuperar tudo que foi supracitado, de modo pessoal vejo isso com muita significância na minha vida, pois mudou minha visão sobre a quão grandiosa é nossa cultura e devemos valorizá-la muito mais.

OBJETIVOS

Geral

Analisar a importância do projeto e ponto de cultura Um Tesouro Chamado Nordeste, e pôr em destaque para a comunidade acadêmica e externa da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) um olhar sobre a cultura popular nordestina.

Específicos

- Comparar as ideias dos voluntários do projeto;
- Verificar como acontece as oficinas;
- Analisar as relações entre os estudantes, universidade e comunidade;
- Ponderar os aspectos positivos da propagação da cultura nordestina feita pelo projeto.

JUSTIFICATIVA

A importância da valorização da cultura nordestina

O Nordeste continua com muitas iniciativas culturais que constroem um novo olhar sobre a cultura nordestina, tornando-a mais acessível ao restante do Brasil. As tradições culturais que prevalecem e que são muito famosas são as festas juninas, depois do carnaval todos os anos esse é o evento mais esperado. Ele teve origem no século XII e é original da França, presente em vários países, porém no Brasil o formato que conhecemos hoje chegou através dos padres jesuítas e logo incorporou costumes das populações indígenas e afro-brasileiras. Os primeiros registros de festas juninas no Brasil são de 1603, estando associada a três santos: São João, São Pedro e Santo Antônio. Este último é conhecido santo casamenteiro, onde as mulheres que estão à procura de pretendentes colocam o Santo Antônio de cabeça para baixo até que ele consiga um amor para esta pessoa.

Na tradição junina, o casamento na roça é um dos eventos mais aguardados dos arraiais com quadrilhas juninas. O forró é o gênero musical que mais prevalece. Vale salientar que esses hábitos são construídos a séculos por meio das manifestações da cultura popular e são reconhecidos no Brasil inteiro. Depois do tempo natalino em dezembro existe outra tradição cultural, o reisado, que é passado de geração em geração. Existem vários tipos de reisado, o mais popular é o que conta a história do nascimento de Jesus, A festa é como um teatro de rua em que crianças e adultos se fantasiam para homenagear esses três reis magos, com instrumento como zabumba acompanhando as músicas tradicionais daquele momento. O início do período de reisado é no último dia de dezembro até o dia 6 de janeiro que é comemorado o dia de reis. Vale salienta que esses festejos absorveram manifestações das tradições católicas, indígena e afro-brasileira.

Muitos dos que habitam o Nordeste não sabem ou não tem como objeto de pesquisa um instrumento para que fique por dentro das suas raízes culturais. Essa região soma vários modelos culturais, com características próprias e da cultura dos colonizadores portugueses, dos negros e dos índios. Porém, cada interpretação cultural existem uma história, e a maioria das vezes passa por despercebida. O Nordeste não é um país, é uma região. Como se construiu a identidade desse “ser nordestino”? O que

significa ser nordestino? Quais são os elementos de imagem e sons que definem? Quando falamos a palavra “nordestino” todo mundo tem “um achar” o que é ser nordestino, mas quando falamos “sudestino” isso não soa como uma identidade. Trago esses questionamentos embasado no livro a *Invenção do Nordeste e Outras Artes* de Durval Muniz.

A importância do Nordeste como um produtor de identidade está inserida em vários aspectos, em quesito como população, a terceira cidade mais populosa do Brasil é Salvador na Bahia, com mais de 3 milhões de habitantes. Salvador foi a primeira capital do Brasil, que durou até 1763 quando então o Rio de Janeiro, e depois Brasília passaram a ser a sede do país. E falando em Bahia, em Porto Seguro foi onde os primeiros portugueses chegaram quando colonizaram o Brasil. Falando ainda da grande do Nordeste, é preciso ressaltar que em Recife, no período de carnaval, existe o maior bloco do mundo, que é o Galo da Madrugada, que durante os desfiles pode reunir mais de 1 milhão de pessoas. Em Recife também foi fundada a primeira sinagoga de todas as Américas e aconteceu durante o domínio holandês. No Rio Grande do Norte encontra-se as rochas mais antigas do Brasil com mais de 4 bilhões de anos, aliás, mais de 90% de todo sal que vai para as cozinhas brasileiras sai de lá. O maior parque aquático da América Latina fica na cidade de Aquiraz, na região metropolitana de Fortaleza no estado do Ceará, o famoso Beach Park. Inclusive o estado do Ceará abriga uma das regiões mais ricas em fósseis, que se tem notícia, e fica na Chapada do Araripe, no sul do estado. Em Piauí, na Serra da Capivara existe a mais importante área de preservação arqueológica de todo o Brasil com pinturas rupestres e registros do homem pré-histórico de milhares de anos atrás. Então, o Nordeste tem uma grande potência somando valores culturais, históricos, naturais, industriais, o que só mostra a sua importância para o nosso país.

A relevância acadêmica

O projeto e ponto de cultura Um Tesouro Chamado Nordeste carrega consigo essas raízes das culturas predominantes do Nordeste, essa identidade. O número de voluntários ao todo já chegou a ser de 25 pessoas. O projeto trabalha com fim artístico, cultural e pedagógico, trazendo rodas de leitura de literatura brasileira, tais como lendas, cordéis, folclore, adivinhações, romances etc., com foco em autores que discutem o nordeste brasileiro, juntamente com apresentações de teatro, além de oficinas e palestras.

Começou sendo extensão na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, uma extensão entre a universidade e a comunidade, a sociedade de modo geral. Então, a comunidade científica comunica com a sociedade, com a população. A relevância acadêmica que ele promove é essa ligação entre cultura, comunidade, escolas de rede pública e a universidade. A cultura popular expressa o cotidiano das comunidades e grupos sociais em um processo diversificado de transformações, acarretando mudanças constantes em um vai e vem de alterações inevitáveis. A apresentação e divulgação dos artistas locais do maciço de Baturité onde o tesouro atua, vem sendo destacada com as atividades propagadas pelo mesmo na universidade e comunidade externa, o que permitiu um conhecimento maior entre crianças, jovens e adultos sobre aspectos da cultura popular nordestina, além do interesse em valorizar sua cultura. Surge um maior interesse por parte dos estudantes da UNILAB com o que diz respeito à cultura popular, bem como uma maior participação da população nas atividades e nas dependências da universidade.

Trabalho voluntário: relevância pessoal

De modo pessoal, tenho trabalhado como voluntária e depois bolsista no projeto e ponto de Cultura Um Tesouro Chamado Nordeste, atuando nas escolas, na Unilab e no maciço de Baturité de modo geral. Nesse percurso, tenho notado o desenvolvimento que tive em relação aos colegas voluntários e aos alunos que passaram pelas atividades fornecidas pelo projeto um Tesouro Chamado Nordeste. Desenvolvimentos esse de criação, imaginação, artístico, cognitivo entre muitos outros nas relações sociais, pois participo, desde 2019, do grupo Baú de Histórias que faz parte do referido ponto de cultura. Quando entramos para uma apresentação de contação de histórias em escolas de ensino público percebemos que os alunos (crianças e adolescentes) ficam atentos e buscam compreender mais sobre aquilo que estamos a desenvolver, e conforme cada história contada, eles chegam até a interagir em alguns momentos. Nas oficinas de fantoches, por exemplo, as crianças têm a oportunidade de criar seus próprios fantoches, assim vamos desenvolvendo o processo criativo da imaginação de cada uma delas. A minha habilidade artística é cantar músicas folclóricas, infantis, de contação de histórias, e, assim, despertando também nos telespectadores esse momento de entretenimento artístico.

Então, percebo que quem entra no projeto sempre realiza transformações pessoais, pois o relacionamento dos indivíduos é sempre em forma de grupo, ou seja, o dilema de que podemos fazer coisas incríveis mais ainda se estivermos em coletividade, todos ali preocupados com o que vão oferecer em conteúdo para as crianças e jovens, se o assunto que vai ser transmitido é interessante e se é de fácil entendimento. O voluntário começa essa ligação com a cultura, vai obtendo conhecimentos antes nunca vistos ou aprofundados. As crianças e adolescentes que passam pelo projeto, a maior parte, é de escolas públicas onde a extensão mantém uma relação pedagógica e artística de ensinar de uma forma dinâmica o que é a cultura nordestina e, nós voluntários, ensinamos e ao mesmo tempo aprendemos com elas, com o próprio projeto e ponto de cultura. Esse aprendizado serve também para cada um como um estágio, as relações sociais entre o educador e o educando, como uma forma de aperfeiçoar nós discentes para o mundo do trabalho do qual estamos nos formando, o de educador, pois a maioria dos voluntários é da área de humanidades, sociologia, história, antropologia, pedagogia, letras.

Então a relevância pessoal que me atira é a de mostrar que o projeto Um Tesouro chamado Nordeste desenvolve atividades que ao ter essa proximidade com a comunidade e com as escolas, vai auxiliando aos voluntários universitários a conseguir ter uma relação melhor com a sociedade, tanto no social quanto no meio de inserção no mundo do trabalho, pois a comunicação vai melhorando e beneficia também com quem está trabalhando. Já para os jovens, ao conhecer a nossa cultura nordestina, pode despertar para essa tradição com tantas simbologias importantes e cheias de histórias que nunca devem ser apagadas, e sim passadas de geração em geração.

REVISÃO DE LITERATURA

Reflexão acerca da cultura do Nordeste

A compreensão da importância da cultura do Nordeste não é simplesmente uma defesa ao Nordeste, mas um questionamento de como se inventou discursivamente uma determinada região do país, e é claro, quais os significados dessa região. O Nordeste existe como tudo que existe a nossa volta, existe enquanto sentido, como elaboração, como textos, o que vemos é sempre condicionado por um conjunto de percepções que está na nossa cultura e nos ajuda a ver determinadas paisagens, determinadas tramas, ao olhar certas experiências humanas através de determinados ângulos, e com essa região isso não foi diferente.

Aquele Nordeste como o autor Durval Muniz (1999) fala que é muito mostrado na mídia como um território de seca, como um território onde as pessoas falam arrastado e assim por diante. Esse território foi elaborado conforme essas concepções, ele ganha um espaço representando pessoas, experiências e paisagens e, dessa forma, colabora para que determinados preconceitos, estereótipos e visões fechadas e delimitadas se sedimentem sobre esta região.

O livro *A Invenção do Nordeste* de Durval Muniz (1999), faz alusão às experiências do passado que são colocadas e analisadas em uma região, um espaço. Mas que Nordeste é esse que de o autor trata? Uma região discursiva enquanto texto e palavra, uma coisa sentida. O autor consulta diversas fontes para mostrar como diante de vários vetores, inclusive a imprensa, colaboraram para formar uma certa ideia dessa região, por exemplo, marcada pela seca, marcada por pessoas necessitadas, pela ausência de chuva, e com essas questões vão elaborar um Nordeste que as vezes é tido como atrasado. Essa ideias muitas vezes nos ajuda a perceber que essa imagem é feita com base no binarismo atraso/Nordeste. Isso promove a ideia de que o Nordeste sempre será uma região atrasada em comparação à região sudeste/sul, que é desenvolvida. É muito curioso perceber neste livro como essa ideia de Nordeste vai sendo construída ali na primeira metade do século XX por vários sujeitos, e atores.

É importante, pois, acompanhar não apenas a institucionalização do Nordeste, feita pelo discurso de seus sociólogos e historiadores, ou pelo contraponto com o olhar dos intelectuais de outras áreas do país, mas também acompanhar o trabalho dos artistas e romancistas que produziram esta elaboração imagético-discursiva regional de real poder de impregnação e de reatualização. O Nordeste, espaço da saudade, da tradição, foi também inventado pelo romance, pela música, pela poesia, pela pintura, pelo teatro etc. (ALBUQUERQUE JR, 2011, p. 122).

Jorge Amado, Ariano Suassuna, Gonçalves Dias, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Jorge de Lima, Castro Alves e vários outros escritores reconhecidos nacionalmente são de origem nordestina e nos mostra a riqueza artística e literária que o Nordeste traz consigo. Quem carrega entre si e para os outros exemplos de exaltação da sua origem é Patativa do Assaré (1909-2002), um dos maiores nomes da poesia popular nordestina no Brasil. Ele trazia em seus versos e poesias a difícil realidade do Sertão e das pessoas que lá moram, os problemas políticos, o pouco ganho salarial, apoiava os sem-terra e aos trabalhadores das classes baixas, os indivíduos excluídos da sociedade, e várias outras realidades que eram notadas em seu tempo. No poema como *Eu e o Sertão* ele faz uma singela homenagem a sua terra, utilizando uma linguagem simples, mas emocionante, pois em seus versos tinha a escrita “incorreta”, como se isso para quem lesse trouxesse a ideia de que se tratava de um escritor sertanejo, que não sabia escrever direito, pois não permaneceu muito tempo na escola, porém ficou reconhecido pelas suas lindas obras poéticas.

Cultura popular, identidade nacional e Estado

Na medida em que nós transformamos ou tentamos transformar um ser humano num objeto, todo seu repertório cultural se desfaz também. Como os próprios tempos atuais atestam, nós temos perdido ao longo dos anos muito das manifestações culturais herdadas dos povos oriundos do continente africano. Todavia, como salienta Renato Ortiz (2002, p. 22):

“Mas, é preciso acrescentar, a existência das culturas indígenas e a herança africana tornam o quadro anterior ainda mais complexo. Posto que o mundo rural, o sincretismo religioso, a diversidade indígena e a mestiçagem nada têm de “resquícios do passado”, sendo na verdade forças atuantes do presente, dificilmente essa dimensão da vida social poderia ser negligenciada.”

A chegada dos portugueses trouxe influências europeias para a gastronomia do Brasil, como o arroz, que veio do continente asiático, hoje em dia traz consigo uma

identidade popular brasileira. Muito da cozinha nordestina veio das mãos dos africanos, com seus pratos de vatapá e de acarajé que é um legado desse povo que, se solidificou aqui no nosso país. O consumo do feijão, por exemplo, que acompanha o arroz, foram eles que desenvolveram as receitas com o próprio alimento que virou um dos pratos mais populares do país. Todos esses três povos são o tripé da formação da culinária brasileira, muito rica em termos de quantidade de variedade de ingredientes.

Nesse caminho reflexivo, a cultura brasileira é o resultado da influência de diversas etnias que, ao longo do tempo, formaram o povo brasileiro, como salienta Ribeiro (2015). Isto é a junção das três raízes étnicas: a indígena, a portuguesa e a africana.

Ainda nessa perspectiva, mas pensando novamente as contribuições da matriz africanas como o samba, que alçou ao estandarte de um ritmo genuinamente nacional, alimentando no imaginário nacional a ideia de brasilidade. Juntamente com a capoeira e o candomblé, ambos criados pelos povos escravizados, que foi desenvolvido no Brasil por meio da herança cultural religiosa de matriz africana, que sofre muito preconceito e perseguições.

Alvo de perseguições policiais e religiosas, as casas de candomblé, no passado, eram invadidas, tendo seus objetos sagrados quebrados e, às vezes, até apreendidos. Vários terreiros eram fechados, babalorixás e ialorixás levados presos. Era uma religião que muitos denominavam de “seita demoníaca”, devido à perseguição que lhe fazia a Igreja Católica, que se valia de ser poder para também obrigar os negros a serem catequisados, no intuito de afastá-los de sua religião. O candomblé nunca poderia ser denominado de “demoníaco” pois no seio da religião não existe o demônio, que é a representação do mal, como também não faz referência ao inferno, termo muito usado no passado para assustar os escravos. (ODÉ KILEUY, VERA DE OXAGUIÃ, 2009, p.35)

Ao falar em eventos culturais que alimentam a identidade do Brasil, pensa-se logo no carnaval, que é comemorado nos meses de fevereiro ou março, que é uma festa de grande potência, reconhecida fora do país. Já as festas de São João, no mês de junho, chamadas festas juninas, tem ampla força no nordeste brasileiro, e que é comemorada em todo o território do país, todas essas duas tradições foram trazidas pelos portugueses durante a colonização, assim como muitas outras.

Nesse caminho, Renato Ortiz (1985) faz a distinção entre nação e povo, salientando que é preciso fazer essas separações porque em um país como o Brasil é possível que tenha os dois termos supracitados. Nós somos brasileiros do ponto de vista

da nação, e não é necessário, portanto, jogar contra esta diversidade que a cultura brasileira apresenta, o que muitas vezes é manifestada justamente porque somos uma pátria com diferentes povos. Se vamos para um meio indígena, por exemplo, cada etnia é um povo, a mesma coisa acontece com as pessoas que descendem de africanos, um quilombo se constitui um povo, porque dentro desse agrupamento há uma manutenção, a preservação de certos traços culturais, e isso é muito importante para compreendermos as diversas manifestações culturais por intermédio dos seus povos que a nação brasileira consegue apresentar ao mundo.

É importante que tenhamos a concepção de nação o fato de termos uma multiplicidade muito considerável de povos, e conseqüentemente de culturas. Isso só revela um povo que provê uma diversidade cultural muito grande. Para sustentar essa ideia trago um pensamento de Gramsci trazido por Renato Ortiz (1985, p. 130): “o nacional e o popular devem por isso ser remetidos a uma dimensão que os antecede e os transcende, isto é, à problemática do Estado”. Dessa forma é necessário buscar algo que anteceda e que se sobressai ao nacional e ao popular e este elemento que antecede e transcende o popular e o nacional é o Estado, então na visão de Gramsci, é por meio do Estado que se consegue manifestar uma dada cultura. No cotidiano da vida ordinária é possível identificar que os elementos culturais são diversos, e que, portanto, não conseguem, não são capazes de definir de forma unívoca uma identidade nacional. Então para Gramsci só uma instituição é capaz de externar uma certa identidade sobre aquele país que está por trás de si, neste caso essa instituição é o Estado.

A Universidade e a Extensão

Os projetos de extensão trazem consigo uma educação que juntamente com o ensino e a pesquisa fazem um elo com a comunidade, uma contribuição que gera conhecimento para ambas as partes, pois “Extensão Universitária é definida como “processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (BRASIL, 2000/01, p. 5). Nesse sentido, a participação do aluno universitário nas atividades de extensão, seja na condição de espectador, seja na condição de bolsista é de fundamental valor no âmbito do crescimento da relação Universidade e Sociedade, como posto acima. Partindo dessa reflexão,

O papel da universidade é realizar e estimular a pesquisa aplicada a produção cultural, o cooperativismo, incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão de conquistas e benefícios resultantes da criação cultural. (Art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases – Lei 9394/96).

A importância dos projetos de extensão é justamente concretizar ações transformadoras, promover a troca de conhecimentos, possibilitar uma formação baseada em contextos reais, construir um forte laço entre comunidades e as instituições, pois de acordo com Nogueira (2005, p. 135) “a difusão e aplicação dos conhecimentos gerados pelas instituições de ensino superior através da extensão, enquanto instrumento de difusão e aplicação do ensino e da pesquisa numa perspectiva de benefício mútuo, evolui para uma concepção de extensão tornando a população envolvida em sujeitos da ação”

Mas voltemos a questão da extensão universitária no Brasil. Foi na década de 60 foi que começou a emergir, por parte das universidades, um processo interacional mais efetivo com a comunidade/universidade, florescendo o caminho para a extensão universitária neste país, uma vez que o porquê o papel fundamental da universidade é de gerar e difundir conhecimentos e saberes, só que esses conhecimentos e saberes tendem a adquirir também da sociedade, uma vez que, de acordo com Sousa e Ferreira (2008, p. 59), “...a extensão é dinâmica, atuante, interdisciplinar, emancipatória e orgânica, havendo sempre uma variação sobre o seu conceito, o seu entendimento, a sua forma de identificação, de atuação e de execução”.

É preciso enfatizar que a extensão universitária promove relações e parcerias entre os estudantes, os professores, outros servidores e comunidade, que alimenta e fortifica os valores sociais que garantem a existência de um ambiente social que contribui para o desenvolvimento local. Hoje as extensões das universidades cresceram, desenvolvem grandes projetos. Todavia, é preciso superar alguns impasses, da mesma forma que tem a necessidade de avançar para o reconhecimento acadêmico e social. A extensão, enquanto responsabilidade das instituições de ensino superior, serve para uma formação acadêmica que possa aplicar os aspectos teóricos e práticos do ensino e da pesquisa e torna-se veículo de promoção do desenvolvimento da nação.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Na dimensão metodológica deste projeto, escolhi trabalhar com a pesquisa documental, recorrendo aos documentos produzidos e guardados pela coordenação do Um tesouro chamado Nordeste. Desse modo juntarei todas as informações desde a criação até o presente momento deste projeto, a partir dos relatórios parciais e finais, dos vídeos e fotos que constam e registram os momentos de apresentação, palestras e cursos. Esses documentos também me disponibilizarão informações sobre os voluntários que participaram e participam ativamente do Tesouro chamado Nordeste.

Na parte documental irei analisar documentos como os relatórios semestrais e anuais, os portfólios, as redes sociais e sites. Farei um relatório analítico sobre todos esses itens que foram recolhidos, para assim fazer uma comparação da importância que o projeto e ponto de cultura Um Tesouro Chamado Nordeste fez e faz no maciço de Baturité.

[...] graças ao documento, pode-se operar um corte longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como o de sua gênese até os nossos dias (CELLARD, 2008, p. 295).

A partir desse primeiro contato com os documentos terei acesso também como esses voluntários atuavam junto ao projeto, como se inseriram, o que fez eles participarem, etc. Nesse caminho, vai ser possível também identificar quais autores estão mais presentes no ambiente que é trabalhado a cultura nordestina e mencionados em suas apresentações diversas. Como os estudantes voluntários lidam com a formação em cultura nordestina, uma vez que eles atuam na sua disseminação? Essa é uma indagação central que deve me guiar neste primeiro momento da pesquisa.

Na mesma linha metodológica, também realizarei uma pesquisa bibliográfica envolvendo autores que falam sobre a importância da valorização cultural, principalmente do Nordeste, descrever as fontes de pesquisa e o processo de estudo, a proposta de seleção das leituras, isto é, porque alguns autores foram escolhidos e outros não. Emerge aqui um questionamento que se processa no campo das relações de poder no campo da sociologia do currículo. Porque alguns autores são mais importantes, portanto, elegível para ser lidos do que outros autores que perdem espaços nas disputas por legitimação?

A pesquisa bibliográfica, conforme Amaral (2007),

[...] é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

Ressaltado essas duas etapas desta pesquisa, foco a atenção ao desenvolvimento do trabalho etnográfico. Ressaltamos aqui que a etnografia é entendida como método e como teoria, uma vez que ela se torna o fio condutor central deste trabalho de campo. Como é salutar, a etnografia produz contato intersubjetivo entre pesquisador e pesquisado, geralmente em um contexto em que a observação do primeiro, ou seja, do pesquisador, se orienta pela sua participação nas teias de relações construídas no campo.

[...] a etnografia é uma forma especial de operar em que o pesquisador entra em contato com o universo dos pesquisados e compartilha seu horizonte, não para permanecer lá ou mesmo para atestar a lógica de sua visão de mundo, mas para, seguindo-os até onde seja possível, numa verdadeira relação de troca, comparar suas próprias teorias com as deles e assim tentar sair com um modelo novo de entendimento ou, ao menos, com uma pista nova, não prevista anteriormente. (MAGNAMI, 2009, p. 135)

Em relação ao meu trabalho, irei coletar dados através do contato intersubjetivo entre os voluntários, como sou participante do projeto Um Tesouro Chamado Nordeste, já estou adaptada no círculo de amizades, e percebo as interações sociais no grupo com maior intimidade. A importância da pesquisa etnográfica é o trabalho de campo, que se dá por meio do contato intenso e prolongado do pesquisador, que no caso sou eu, com a cultura do grupo. É através desta pesquisa que é possível descobrir como os voluntários se organizam, como entendem-se como participante do projeto. É por meio do estudo etnográfico que vamos conhecer o público, pois é preciso entender algumas das características básicas deste público para definir a linguagem a ser utilizada, e o tipo de projeto que aquela comunidade necessita, ou seja, saber se a sociedade onde a Universidade está inserida precisa do apoio cultural que o projeto de extensão propaga, se as escolas do maciço de Baturité amparam essa ideia e qual é a visão dos lugares onde o projeto Tesouro Chamado Nordeste passou, se eles estimulam e valorizam as oficinas que são ofertadas.

Como trabalharei a pesquisa de campo, um outro aspecto que vai ser observado são as relações sociais; quais são os diferentes agrupamentos? Como eles interagem?

Também irei analisar o sistema dos valores da comunidade, ou seja, aquilo que os indivíduos e grupos culturais daquele espaço geográfico acreditam que deve ser valorizado, que eles colocam como algo importante.

Concomitante ao trabalho etnográfico, realizarei entrevistas, primeiramente, com os voluntários do projeto e ponto de cultura Um Tesouro Chamado Nordeste. As entrevistas questionarão sobre o porquê de os voluntários terem escolhidos esse projeto de extensão para participar e quais são os motivos para continuar atuando. Também entrevistarei os ex voluntários, aqueles que não estão mais participando, a fim de saber os pontos de vista acerca do projeto e o porquê de terem desistido. Além disso, serão feitas entrevistas com a Coordenação de Extensão Arte e Cultura, com o propósito de saber o que eles pensam sobre os projetos de extensão que envolvem arte e cultura e quais são as perspectivas em relação aos laços entre universidade e comunidade. Conversarei, também, com o Professor Coordenador do projeto, prof. Dr. Marcos Silva, sobre quais foram os pontos positivos e negativos que o Tesouro trouxe consigo, o porquê de ele ter aceitado a ideia de coordenar uma extensão de arte e cultura que valoriza as raízes nordestinas e difunde essa as manifestações culturais do Nordeste dentro da universidade e fora dela, na comunidade. E, por fim dialogarei com a aluna Edilene Bernardo, que teve a iniciativa de elaborar, junto com o professor Marcos Silva, esse projeto de extensão, a fim de conhecer quais foram os pontos positivos deste projeto dentro das escolas de rede pública e quais foram as razões para produzir oficinas que lançam uma relação pedagógica cultural com o tema principal: à valorização da cultura Nordestina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NOGUEIRA, M. D. P. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BRASIL. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Disponível em: <http://www.uniube.br/ceac/arquivos/PNEX.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SOUZA, O. S. S. e FERREIRA, L. S. **A regulamentação da extensão universitária no Brasil**. Revista Mosaicum, 2008, 8, 57-64.

NOSELLA, P. **Ética e pesquisa**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 29, n. 102, p. 255-273, jan./abr.2008.

O candomblé bem explicado: nações Bantu, Iorubá e Fon. Front Cover. George Maurício, **Odé Kileuy, Vera de Oxaguiã. Pallas, 2009** - Afro-Brazilian cults – p. 367.

CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/erike/Downloads/2336-Texto%20do%20Artigo-8432-1-10-20210308.pdf> Acesso em: 01 jul. 2022.

MAGNANI, J. G.; **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

HELDER, R. R. **Como fazer análise documental**. Porto, Universidade de Algarve, 2006

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.